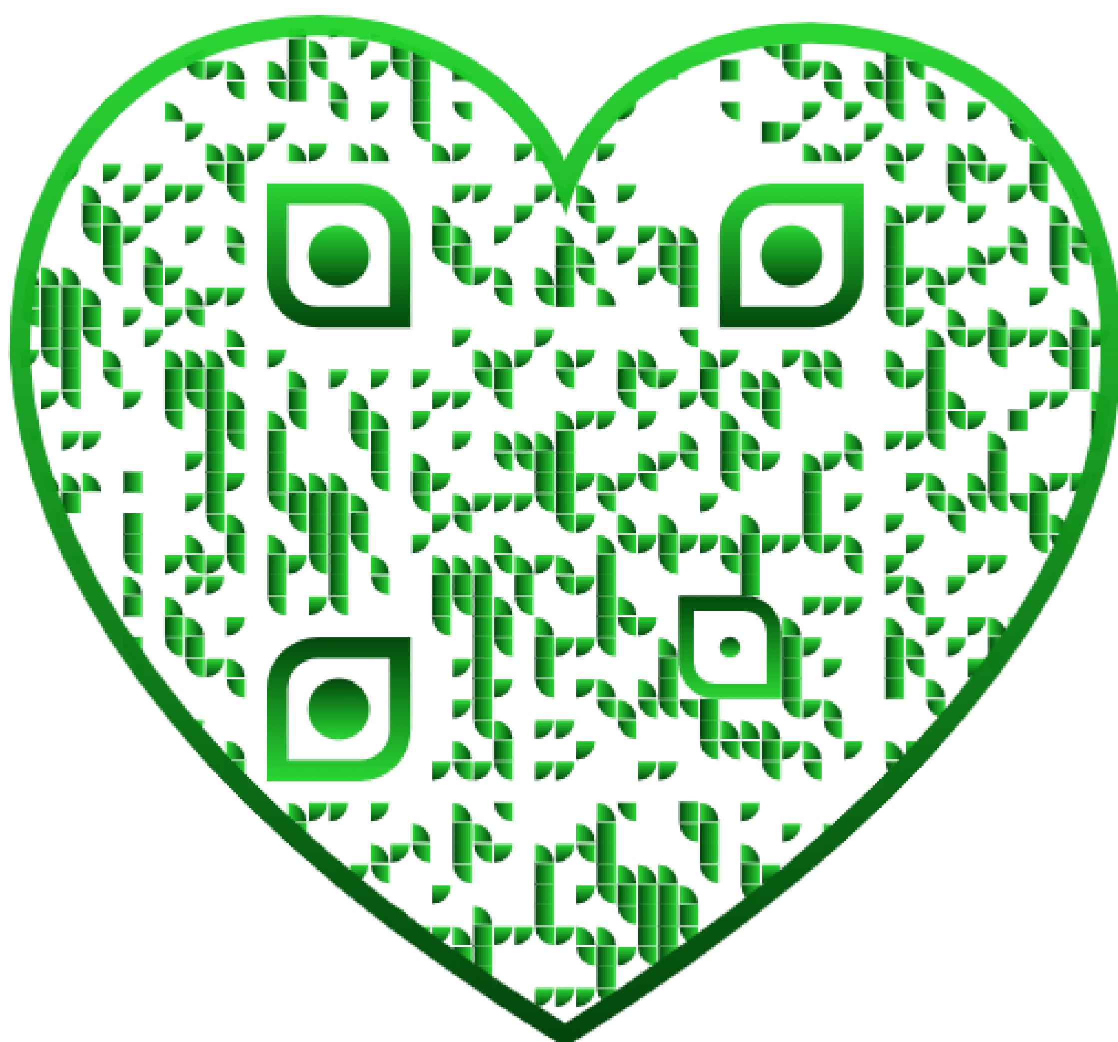
— Colección —
Duetos

O Curioso Caso de Benjamin Button

Francis Scott Fitzgerald



Direitos autorais © 2020 Sheila B. Koerich

Edição e-book 2020
autor : Francis Scott Fitzgerald
título : O Curioso Caso de Benjamin Button
copyright : Sheila B. Koerich
edição brasileira : Sheila B. Koerich - 2020
tradução : Sheila B. Koerich
Título em Ingles : The Curious Case of Benjamin Button
Ano da Publicação Original : 1922
País da Publicação Original : Estados Unidos

Todos os direitos reservados para a tradução em Português.

Os personagens e eventos retratados neste livro são fictícios. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou falecidas, é coincidência e não é intencional por parte do autor.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou armazenada em um sistema de recuperação, ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio, eletrônico, mecânico, fotocópia, gravação ou outro, sem a permissão expressa por escrito da editora.

O CURIOSO CASO DE BENJAMIN BUTTON

COLEÇÃO DUETOS

FRANCIS SCOTT FITZGERALD

1922

Traduzido por Sheila B. Koerich

CAPÍTULO 1

Já em 1860, era a coisa certa de se nascer em casa. Atualmente, assim me dizem, os altos deuses da medicina decretaram que os primeiros gritos dos jovens devem ser proferidos sobre o ar anestésico de um hospital, de preferência um de moda. Assim, o jovem Sr. e a Sra. Roger Button estavam cinquenta anos à frente do estilo quando decidiram, um dia, no verão de 1860, que seu primeiro bebê deveria nascer em um hospital. Se este anacronismo teve alguma influência sobre a espantosa história que estou prestes a estabelecer, nunca será conhecida.

Vou contar-lhes o que ocorreu e deixá-los julgar por si mesmos.

Os Roger Buttons ocupavam uma posição invejável, tanto social como financeira, à frente de Baltimore. Eles eram parentes desta Família e daquela Família, que, como todo sulista sabia, lhes deu o direito de serem membros daquele enorme parlamento que em grande parte povoou a Confederação. Esta foi sua primeira experiência com o antigo costume encantador de ter bebês - o Sr. Button estava naturalmente nervoso. Ele esperava que fosse um menino para que pudesse ser enviado ao Colégio Yale em Connecticut, na qual o próprio Sr. Button era conhecido há quatro anos pelo apelido algo óbvio de "Cuff".

Na manhã de setembro, consagrado ao enorme evento, ele se levantou nervosamente às seis horas, vestiu-se, ajustou um uniforme impecável e correu pelas ruas de Baltimore até o hospital, para determinar se a escuridão da noite havia carregado em seu seio uma nova vida.

Quando ele estava aproximadamente a cem metros do Hospital Particular Maryland para Senhoras e Senhores, ele viu o Dr. Keene, o médico de família, descendo os degraus da frente, esfregando as mãos com um movimento de lavagem - como todos os médicos são obrigados a fazer pela ética não escrita de sua profissão.

O Sr. Roger Button, presidente da Roger Button & Co., Ferragens por atacado, começou a correr em direção ao Dr. Keene com muito menos dignidade do que se esperava de um cavalheiro

do Sul daquele período pitoresco. O "Doutor Keene!" ele chamou. "Oh, Doutor Keene!"

O doutor o ouviu, encarou-o, e ficou esperando, uma expressão curiosa que se instalou em seu rosto duro e medicinal quando o Sr. Button se aproximou.

"O que aconteceu?", exigiu o Sr. Button, enquanto ele se aproximava com pressa. "O que foi isso? Como ela está? Um menino? Quem é ela? O que..."

"Fale com bom senso", disse o Doutor Keene, ele parecia um pouco irritado.

"A criança nasceu?" implorou o Sr. Button.

O Dr. Keene franziu o sobrolho. "Por que, sim, suponho que depois de uma fantasia". Novamente ele lançou um olhar curioso para o Sr. Button.

"Minha esposa está bem?"

"Sim."

"É um menino ou uma menina?"

"Aqui agora!" gritou o Dr. Keene numa paixão perfeita de irritação", eu lhe peço para ir ver por si mesmo. Ultrajante!" Ele tirou a última palavra em quase uma sílaba, e depois se afastou murmurando: "Você imagina que um caso como este vai ajudar minha reputação profissional? Mais um me arruinaria - arruinaria qualquer um". "Qual é o problema?" exigiu o Sr. Button chocado. "Trigêmeos?"

"Não, não trigêmeos!" respondeu o médico de forma cortante. "E mais, você pode ir e ver por si mesmo". E chamar outro médico. Eu o trouxe ao mundo, jovem, e tenho sido médico de sua família por quarenta anos, mas já terminei com você! Não quero vê-lo nem a nenhum de seus parentes nunca mais! Adeus"!

Então ele se virou bruscamente, e sem outra palavra subiu em seu tornado, que estava esperando no meio da calçada, e se afastou severamente.

O Sr. Button ficou ali parado na calçada, estupefato e tremendo da cabeça aos pés. Que terrível percalço havia ocorrido? Ele havia perdido de repente todo o desejo de entrar no Hospital Particular Maryland para Senhoras e Senhores - foi com a maior dificuldade

que, um momento depois, ele se obrigou a subir os degraus e entrar pela porta da frente.

Uma enfermeira estava sentada atrás de uma escrivaninha na escuridão opaca do salão. Engolindo sua vergonha, o Sr. Button aproximou-se dela.

"Bom dia", observou ela, olhando para ele agradavelmente.

"Boa manhã". Eu-eu sou o Sr. Button".

A isto, um olhar de terror total se espalhou sobre o rosto da garota. Ela se levantou e parecia estar prestes a voar do salão, limitando-se apenas com a dificuldade mais aparente.

"Eu quero ver meu filho", disse o Sr. Button.

A enfermeira deu um pequeno grito. "Oh, claro!" ela chorou histericamente. "Lá em cima. Bem lá em cima. Suba!"

Ela apontou a direção, e o Sr. Button, banhado em uma transpiração fria, virou vacilante, e começou a subir para o segundo andar. Na sala superior, dirigiu-se a outra enfermeira que se aproximou dele, bacia na mão. "Eu sou o Sr. Button", ele conseguiu articular. "Eu quero ver meu..."

Clank! A bacia se agarrou ao chão e rolou na direção das escadas. Clank! Clank! Começou uma descida metódica como se partilhasse do terror geral que este cavalheiro provocou.

"Eu quero ver meu filho!" O Sr. Button quase gritou. Ele estava à beira do colapso.

Clank! A bacia tinha chegado ao primeiro andar. A enfermeira recuperou o controle de si mesma, e deu ao Sr. Button um olhar de desprezo sincero.

"Muito bem, Sr. Button", ela concordou com uma voz abafada. "Muito bem! Mas se você soubesse em que estado isso nos colocou a todos esta manhã! É perfeitamente ultrajante! O hospital nunca terá o fantasma de uma reputação depois..."

"Depressa!" ele chorou rouco. "Eu não suporto isto!"

"Venha por aqui, então, Sr. Button".

Ele se arrastou atrás dela. No final de uma longa sala, eles chegaram a uma sala da qual procediam uma variedade de uivos, uma sala que, em linguagem posterior, teria sido conhecida como a "sala de choro". Eles entraram. Em volta das paredes havia meia

dúzia de presépios com esmaltes brancos, cada um com uma etiqueta amarrada na cabeça.

"Bem", o Sr. Button gaseou, "qual é o meu?".

"Ali", disse a enfermeira.

Os olhos do Sr. Button seguiram o seu dedo indicador, e foi isto que ele viu. Embrulhado em um volumoso cobertor branco, e parcialmente amontoado em um dos berços, ali sentou um velho aparentemente com cerca de setenta anos de idade. Seu cabelo esparso era quase branco, e de seu queixo pingou uma longa barba cor de fumaça, que ondulava absurdamente para frente e para trás, curtida pela brisa que entrava pela janela. Ele olhou para o Sr. Button com os olhos embaçados e desbotados em que espreitava uma pergunta confusa. "Estou louco?" trovejou o Sr. Button, seu terror se resolvendo em fúria. "Isto é alguma piada horripilante de hospital?

"Não nos parece uma piada", respondeu a enfermeira com severidade. "E eu não sei se você está louco ou não - mas isso certamente é seu filho".

A transpiração fria redobrou na testa do Sr. Button. Ele fechou os olhos, e então, abrindo-os, olhou novamente. Não havia engano - ele estava olhando para um homem de setenta e um bebê de setenta e um bebê de setenta e um bebê cujos pés pai pairavam sobre os lados do berço no qual ele estava repousando.

O velho olhou placidamente de um para o outro por um momento e, de repente, falou com uma voz antiga e rachada. "Você é meu pai?", exigiu ele.

O Sr. Button e a enfermeira começaram a falar violentamente.

"Porque se você é", disse o velho querendo, "gostaria que você me tirasse deste lugar - ou, pelo menos, que eles colocassem um embalador confortável aqui".

"De onde em nome de Deus você veio? Quem é você?" explodiu freneticamente o Sr. Button.

"Não posso lhe dizer exatamente quem sou", respondeu o queixoso querido, "porque nasci apenas algumas horas - mas meu sobrenome certamente é Button".

"Você mente! Você é um impostor"!

O velho se virou cansado para a enfermeira. "Bela maneira de receber uma criança recém-nascida", ele reclamou com uma voz fraca. "Diga-lhe que ele está errado, por que você não diz?"

"Você está enganado. Sr. Button", disse severamente a enfermeira. "Este é seu filho, e você terá que fazer o melhor que puder. Vamos pedir-lhe que o leve para casa o mais rápido possível - a qualquer hora do dia".

"Para casa?" repetiu o Sr. Button incredulamente.

"Sim, não podemos tê-lo aqui. Não podemos mesmo, sabe?"

"Estou muito feliz com isso", lamentou o velho. "Este é um bom lugar para manter um jovem de gostos calmos". Com toda esta gritaria e uivos, não tenho conseguido dormir. Pedi algo para comer" - onde sua voz subiu a uma nota estridente de protesto - "e eles me trouxeram uma garrafa de leite".

Sr. Button afundou em uma cadeira perto de seu filho e escondeu seu rosto em suas mãos. "Meu Deus!" murmurou ele, em um êxtase de horror. "O que as pessoas vão dizer? O que devo fazer?"

"Você terá que levá-lo para casa", insistiu a enfermeira... "imediatamente!"

Um quadro grotesco se formou com terrível clareza diante dos olhos do homem torturado - um quadro de si mesmo andando pelas ruas lotadas da cidade com esta terrível aparição perseguindo a seu lado. "Eu não posso. Não posso", gemeu ele.

As pessoas paravam para falar com ele, e o que ele ia dizer? Ele teria que apresentar este septuagenário: "Este é meu filho, nascido cedo esta manhã". E então o velho reuniria seu cobertor ao seu redor e eles se arrastariam, passando pelas lojas movimentadas, pelo mercado de escravos - por um instante escuro, o Sr. Button desejava apaixonadamente que seu filho estivesse negro - colando as luxuosas casas do bairro residencial, passando pela casa para os idosos...

"Venha! Controle-se", ordenou a enfermeira.

"Veja aqui", o velho anunciou subitamente, "se você acha que vou caminhar para casa neste cobertor, você está completamente enganado".

"Os bebês sempre têm cobertores".

Com um crepitar malicioso, o velho segurou uma pequena vestimenta branca. "Olha!", ele hesitou. "Isto era o que eles tinham pronto para mim".

"Os bebês sempre usam isso", disse a enfermeira em primeiro lugar. "Bem", disse o velho, "este bebê não vai usar nada em cerca de dois minutos". Este cobertor faz comichão. Eles poderiam pelo menos ter me dado um lençol".

"Fique com ele! Mantenha-o vivo", disse o Sr. Button, apressadamente. Ele se voltou para a enfermeira. "O que vou fazer?"

"Vá até a cidade e compre roupas para seu filho".

A voz do filho do Sr. Button o seguiu até o corredor: "E uma bengala, pai. Eu quero ter uma bengala".

O Sr. Button bateu a porta exterior selvagemente...

CAPÍTULO 2

" Bom dia", disse o Sr. Button, nervoso, ao balconista da Chesapeake Dry Goods Company. "Eu quero comprar algumas roupas para meu filho".

"Quantos anos tem seu filho, senhor?"

"Cerca de seis horas", respondeu o Sr. Button, sem a devida consideração.

"O departamento de artigos para bebês, na parte de trás".

"Ora, eu não penso - não tenho certeza se é isso que quero". Ele é uma criança invulgarmente grande. Excepcionalmente grande".

"Eles têm os maiores tamanhos de criança".

"Onde está o departamento dos meninos?" perguntou o Sr. Button, mudando seu terreno desesperadamente. Ele sentiu que o balconista certamente deve farejar seu segredo vergonhoso.

"Aqui mesmo".

"Bem..." Ele hesitou. A ideia de vestir seu filho com roupas de homem era repugnante para ele. Se, digamos, ele só conseguisse encontrar um terno muito grande de menino, ele poderia cortar aquela barba longa e horrível, tingir o cabelo branco e assim conseguir esconder o pior, e reter algo de seu próprio respeito próprio - sem mencionar sua posição na sociedade de Baltimore.

Mas uma inspeção frenética do departamento masculino não revelou nenhum terno que se encaixasse no Button recém-nascido. Ele culpou a loja, é claro - em tais casos é o que se deve dizer da loja.

"Quantos anos você disse que aquele seu garoto tinha?" exigiu o balconista curiosamente.

"Ele tem dezesseis anos".

"Oh, eu peço desculpas. Eu pensei que você tinha dito seis horas. Você vai encontrar o departamento de jovens no próximo corredor".

O Sr. Button se virou miseravelmente para longe. Em seguida, ele parou, abrilhantou e apontou o dedo em direção a um manequim

vestido na vitrine. "Ali", exclamou ele. "Vou levar aquele terno, lá fora no manequim".

O balconista olhou fixamente. "Por que", protestou ele, "isso não é um terno de criança". Pelo menos é, mas é para roupas extravagantes. Você mesmo poderia usá-lo".

"Embrulhe-o", insistiu nervosamente seu cliente. "É isso que eu quero".

O balconista atônito obedeceu.

De volta ao hospital, o Sr. Button entrou no berçário e quase jogou o pacote em seu filho. "Aqui está a sua roupa", ele se retirou.

O velho desamarrou o pacote e viu o conteúdo com um olhar de curiosidade.

"Eles me parecem meio engraçados", reclamou ele, "Não quero ser feito um macaco de..."

"Você fez de mim um macaco", retorquiu ferozmente o Sr. Button. "Não importa o quão engraçado você pareça". Coloque-os ou eu lhe darei uma palmada". Ele engoliu com inquietação a penúltima palavra, sentindo, no entanto, que era a coisa certa a dizer.

"Muito bem, pai" - isto com uma grotesca simulação de respeito filial - "você já viveu mais tempo; você é que sabe. Assim como você diz".

Como antes, o som da palavra "pai" fez com que o Sr. Button começasse de forma violenta. "E se apresse".

"Estou me apressando, pai".

Quando seu filho estava vestido, o Sr. Button o considerava com depressão. O traje consistia em meias pontilhadas, calças cor-de-rosa e uma blusa cintada com um colarinho branco largo. Sobre esta última ondulava a longa barba esbranquiçada, inclinando-se quase até a cintura. O efeito não foi bom.

"Espere!".

O Sr. Button agarrou uma tesoura hospitalar e com três estalos rápidos amputou uma grande parte da barba. Mas mesmo com esta melhoria, o conjunto ficou muito aquém da perfeição. O restante da escova de cabelo raspado, os olhos lacrimejantes, os dentes antigos, pareciam estranhamente fora de tom com a vivacidade

alegre do traje. O Sr. Button, entretanto, era obcecado - ele estendeu sua mão. "Venha comigo", disse ele com firmeza.

Seu filho pegou a mão com confiança. "Como você vai me chamar, pai?" ele vacilou enquanto caminhavam do berçário - "só 'bebê' por um tempo? até você pensar em um nome melhor?"

o Sr. Button grunhiu. "Eu não sei", ele respondeu com dureza. "Acho que vamos chamá-lo de Matusalém".

CAPÍTULO 3

Mesmo após a nova adição à família Button ter tido seu cabelo cortado curto e depois tingido com um preto antinatural esparso, ter tido seu rosto raspado tão de perto que brilhou, e ter sido vestido com roupas de menininho feitas sob encomenda por um alfaiate atordoado, era impossível para Button ignorar o fato de que seu filho era uma má desculpa para um primeiro bebê da família. Apesar de sua idade avançada, Benjamin Button - pois era por este nome que o chamavam, em vez de pelo apropriado, mas ingrato Matusalém - tinha um metro e oitenta de altura. Suas roupas não escondiam isto, nem o recorte e o tingimento de suas sobrancelhas disfarçavam o fato de que os olhos por baixo estavam desbotados e lacrimejantes e cansados. Na verdade, a babá enfermeira que havia sido contratada antecipadamente deixou a casa após um olhar, em um estado de considerável indignação.

Mas o Sr. Button persistiu em seu propósito inabalável. Benjamin era um bebê, e um bebê que ele deveria permanecer. No início ele declarou que se Benjamin não gostasse de leite morno ele poderia ficar sem comida, mas finalmente prevaleceu sobre ele para permitir que seu filho pudesse comer pão e manteiga, e até mesmo farinha de aveia por meio de um acordo. Um dia ele trouxe para casa um guizo e, dando-o a Benjamin, insistiu em termos inequívocos que ele deveria "brincar com ele", e então o velho levou-o com uma expressão cansada e pôde ser ouvido sacudindo-o obedientemente em intervalos ao longo do dia.

Não há dúvida, porém, que o guizo o aborreceu e que ele encontrou outras diversões mais calmantes quando foi deixado sozinho. Por exemplo, o Sr. Button descobriu um dia que durante a semana anterior havia fumado mais charutos do que nunca - um fenômeno que foi explicado alguns dias depois quando, entrando inesperadamente no berçário, encontrou a sala cheia de uma névoa azul tênue e Benjamin, com uma expressão de culpa no rosto, tentando esconder o fundo de um Havana escuro. Isto, é claro, exigiu uma surra severa, mas o Sr. Button descobriu que não

conseguia administrar. Ele simplesmente advertiu seu filho que " impediria seu crescimento".

No entanto, ele persistiu em sua atitude. Ele trouxe para casa soldados de chumbo, trouxe trens de brinquedo, trouxe grandes animais agradáveis feitos de algodão e, para aperfeiçoar a ilusão que estava criando - pelo menos ele exigia apaixonadamente do balconista na loja de brinquedos se "a tinta sairia do pato rosa se o bebê o colocasse em sua boca". Mas, apesar de todos os esforços de seu pai, Benjamin recusou-se a se interessar. Ele desceria as escadas traseiras e voltaria ao berçário com um volume da Encyclopædia Britannica, sobre a qual ele passaria por uma tarde, enquanto suas vacas de algodão e sua arca de Noé eram deixadas negligenciadas no chão. Contra tal teimosia, os esforços do Sr. Button foram de pouca valia.

A sensação criada em Baltimore foi, a princípio, prodigiosa. O que o percalço teria custado aos Buttons e seus parentes não pode ser determinado socialmente, pois o surto da Guerra Civil chamou a atenção da cidade para outras coisas. Poucas pessoas que foram infalivelmente educadas, arrancaram seus cérebros para elogiar os pais - e finalmente se atiraram ao engenhoso dispositivo de declarar que o bebê se parecia com seu avô, um fato que, devido ao estado de decadência padrão comum a todos os homens de setenta anos, não podia ser negado. O Sr. e a Sra. Roger Button não ficaram satisfeitos, e o avô de Benjamin foi furiosamente insultado.

Benjamin, uma vez que deixou o hospital, tirou a vida como a encontrou. Vários meninos pequenos foram trazidos para vê-lo, e ele passou uma tarde de trabalho duro, tentando trabalhar com o interesse em tampas e mármores - ele até conseguiu, muito acidentalmente, quebrar uma janela da cozinha com uma pedra de um tiro de funda, uma proeza que secretamente encantou seu pai.

Depois disso, Benjamin conseguiu quebrar algo todos os dias, mas ele fez essas coisas apenas porque elas eram esperadas dele, e porque ele era, por natureza, obrigado.

Quando o antagonismo inicial de seu avô desapareceu, Benjamin e aquele cavalheiro tiveram um enorme prazer na companhia um do outro. Eles se sentavam por horas, estes dois, tão distantes em idade e experiência, e, como velhos amigos, discutiam

com incansável monotonia os lentos acontecimentos do dia. Benjamin se sentia mais à vontade na presença de seu avô do que na de seus pais - eles pareciam sempre um pouco assustados com ele e, apesar da autoridade ditatorial que exerciam sobre ele, frequentemente se dirigiam a ele como "Sr.".

Ele estava tão confuso como qualquer outro na idade aparentemente avançada de sua mente e corpo ao nascer. Ele leu sobre isso na revista médica, mas descobriu que nenhum caso assim havia sido registrado anteriormente. Por insistência de seu pai, ele fez uma tentativa honesta de brincar com outros meninos, e frequentemente ele entrou nos jogos mais amenos - o futebol sacudiu-o demais, e ele temia que em caso de uma fratura seus ossos antigos se recusassem a entrançar-se.

Quando ele tinha cinco anos, foi enviado ao jardim de infância, onde iniciou na arte de colar papel verde sobre papel laranja, de tecer mapas coloridos e fabricar colares eternos de papelão. Ele estava inclinado a se afogar para dormir no meio destas tarefas, um hábito que irritava e assustava sua jovem professora. Para seu alívio, ela reclamou com seus pais, e ele foi afastado da escola. Os Roger Buttons disseram a seus amigos que sentiam que ele era muito jovem.

Quando ele tinha doze anos de idade, seus pais já estavam acostumados com ele. De fato, a força do costume é tão forte que eles não sentiram mais que ele era diferente de qualquer outra criança - exceto quando alguma anomalia curiosa os lembrava do fato. Mas um dia, algumas semanas após seu décimo segundo aniversário, enquanto olhava no espelho, Benjamin fez, ou pensava que tinha feito, uma descoberta surpreendente. Será que seus olhos o enganaram, ou teve seu cabelo transformado nos doze anos de sua vida de branco para cinza de ferro sob sua tintura oculta? A rede de rugas em seu rosto estava se tornando menos pronunciada? Sua pele estava mais saudável e firme, com um toque de cor avermelhada no inverno? Ele não conseguia perceber. Ele sabia que não se abaixava mais, e que sua condição física havia melhorado desde os primeiros dias de sua vida.

"Pode ser..." ele pensava para si mesmo, ou melhor, dificilmente ousava pensar.

Ele foi falar com seu pai. "Estou crescido", ele anunciou com determinação. "Eu quero vestir calças compridas".

Seu pai hesitou. "Bem", disse ele finalmente, "não sei. Catorze é a idade para vestir calças compridas - e você tem apenas doze anos".

"Mas você terá que admitir", protestou Benjamin, "que eu sou grande para a minha idade".

Seu pai olhou para ele com especulações ilusórias. "Oh, eu não tenho tanta certeza disso", disse ele. "Eu era tão grande quanto você quando eu tinha doze anos".

Isto não era verdade - tudo fazia parte do acordo silencioso de Roger Button consigo mesmo para acreditar na normalidade de seu filho.

Finalmente, foi alcançado um compromisso. Benjamin deveria continuar a pintar seu cabelo. Ele deveria fazer uma tentativa melhor de brincar com meninos de sua idade. Ele não deveria usar seus óculos ou carregar uma bengala na rua. Em troca destas concessões, foi-lhe permitido vestir seu primeiro terno de calças compridas...

CAPÍTULO 4

Da vida de Benjamin Button, entre seu décimo segundo e vigésimo primeiro ano, pretendo dizer pouco. O suficiente para registrar que foram anos de crescimento normal. Quando Benjamin tinha dezoito anos ele estava de pé como um homem de cinquenta; ele tinha mais cabelo e era de um cinza escuro; seu passo era firme, sua voz tinha perdido seu tremor de voz rachada e tinha descido para um barítono saudável. Então, seu pai o mandou para Connecticut para fazer exames de admissão na Faculdade de Yale. Benjamin passou no exame e se tornou membro da classe dos calouros.

No terceiro dia após sua matrícula, ele recebeu uma notificação do Sr. Hart, o secretário da faculdade, para entrar em contato com seu escritório e organizar sua agenda. Benjamin, olhando no espelho, decidiu que seu cabelo precisava de uma nova aplicação de sua tintura marrom, mas uma inspeção ansiosa em sua gaveta do escritório revelou que o frasco de tintura não estava lá. Então ele se lembrou - ele o havia esvaziado no dia anterior e jogou-o fora.

Ele estava em um dilema. Ele deveria estar na secretaria em cinco minutos. Parecia não haver ajuda para isso - ele tinha que ir como estava. Ele o fez.

"Bom dia", disse o secretário educadamente. "Você veio para perguntar sobre seu filho".

" Na verdade, meu nome é Button..." começou Benjamin, mas o Sr. Hart o cortou.

"Estou muito feliz em conhecê-lo, Sr. Button". Estou esperando seu filho aqui a qualquer minuto".

"Esse sou eu!" estourou Benjamin. "Eu sou um calouro".

"O quê!"

"Sou um calouro."

"Certamente está brincando."

"De jeito nenhum."

O secretário franziu o sobrolho e olhou para um cartão antes dele. "Ora, eu tenho a idade do Sr. Benjamin Button aqui embaixo

como dezoito anos."

"Essa é a minha idade", afirmou Benjamin, ruborizando ligeiramente.

O secretário o olhou com os olhos cansados. "Agora com certeza, Sr. Button, você não espera que eu acredite nisso".

Benjamin sorriu cansado. "Eu tenho dezoito anos", repetiu ele.

O secretário apontou com firmeza para a porta. "Saia", disse ele. "Saia da faculdade e saia da cidade". Você é um lunático perigoso". "Eu tenho dezoito anos".

O Sr. Hart abriu a porta. "A ideia!", gritou ele. "Um homem de sua idade tentando entrar aqui como um calouro. Dezoito anos de idade, você tem? Bem, vou lhe dar dezoito minutos para sair da cidade".

Benjamin Button caminhou com dignidade da sala, e meia dúzia de graduados, que estavam esperando no salão, o seguiram curiosamente com os olhos. Quando ele se virou um pouco, enfrentou o secretário enfurecido, que ainda estava de pé no caminho da porta, e repetiu com voz firme: "Eu tenho dezoito anos".

A um coro de notas que subiu do grupo de graduados, Benjamin se afastou.

Mas ele não estava fadado a fugir tão facilmente. Em sua melancólica caminhada até a estação ferroviária, ele descobriu que estava sendo seguido por um grupo, depois por um enxame, e finalmente por uma densa massa de graduados. Deu-se a notícia de que um lunático havia passado nos exames de admissão para Yale e tentou se apresentar como um jovem de dezoito anos. Uma febre de excitação permeou o colégio. Os homens correram sem chapéu das aulas, o time de futebol abandonou sua prática e se juntou à multidão, as esposas dos professores com chapéus desajeitados e com os ocupantes fora de posição, correram gritando após a procissão, de onde procedia uma sucessão contínua de observações voltadas para as ternas sensibilidades de Benjamin Button.

"Ele deve ser o judeu errante!"

"Ele deve ir para a escola preparatória com sua idade!"

"Olhem o menino prodígio!"

"Ele pensava que este era o lar dos velhos".

"Vá para Harvard!"

Benjamin aumentou sua marcha, e logo ele estava correndo. Ele os mostraria! Ele iria para Harvard, e então eles se arrependeriam destas provocações irrefletidas! Seguro a bordo do trem para Baltimore, ele colocou sua cabeça da janela. "Vão se arrepender disto!" gritou ele.

"Ha-ha!" riram os estudantes universitários. "Ha-ha-ha!" Foi o maior erro que o Colégio Yale já havia cometido....

CAPÍTULO 5

Em 1880 Benjamin Button tinha vinte anos de idade, e marcou seu aniversário indo trabalhar para seu pai na Roger Button & Co., Ferragens por atacado. Foi nesse mesmo ano que ele começou a "sair socialmente", ou seja, seu pai insistiu em levá-lo a vários bailes da moda. Roger Button tinha agora 50 anos, e ele e seu filho eram cada vez mais sociáveis - de fato, já que Benjamin havia deixado de pintar seus cabelos (que ainda eram cinzentos) eles apareciam mais ou menos da mesma idade, e poderiam ter passado por irmãos.

Uma noite, em agosto, eles entraram na carruagem vestidos com seus trajes completos e foram para um baile na casa de campo dos Shevlins, situada nos arredores de Baltimore. Foi uma noite linda. Uma lua cheia encharcou o caminho para a cor sem brilho da platina, e flores de colheita tardia respiraram nos aromas do ar sem movimento que eram como risos baixos e meio ouvidos. O campo aberto, atapetado para varas em volta com trigo brilhante, era translúcido como no dia. Era quase impossível não ser afetado pela beleza do céu.

"Há um grande futuro no ramo dos bens secos", dizia Roger Button. Ele não era um homem espiritual - seu senso estético era rudimentar.

"Velhos companheiros como eu não podem aprender novos truques", observava ele profundamente. "São vocês, jovens com energia e vitalidade, que têm o grande futuro diante de vocês".

Ao longo da estrada, as luzes da casa de campo dos Shevlins se deslocaram à vista e, no momento, havia um som de suspiro que rastejava persistentemente em direção a eles - poderia ter sido a fina placa de violinos ou o barulho do trigo prateado sob a lua.

Eles pararam atrás de um belo carrinho de bebê cujos passageiros estavam desembarcando na porta. Uma senhora saiu, depois um cavalheiro idoso, depois outra jovem, bela como o pecado. Benjamin começou; uma mudança quase química parecia dissolver e recompor os próprios elementos de seu corpo. Um rigor passou sobre ele, o sangue subiu em suas bochechas, em sua

testa, e houve uma batida constante em seus ouvidos. Foi o primeiro amor.

A garota era esbelta e frágil, com cabelos que eram cinzas sob a lua e cor de mel sob as lamparinas de gás borbulhante do alpendre. Sobre seus ombros foi jogada uma mantilha espanhola de amarelo mais macio, borboleta de preto; seus pés brilhavam botões na bainha de seu vestido agitado.

Roger Button inclinou-se para seu filho. "Isso", disse ele, "é a jovem Hildegarde Moncrief, a filha do General Moncrief".

Benjamin acenou friamente com a cabeça. "Coisinha linda", disse ele indiferente. Mas quando o menino negro havia levado a charrete embora, ele acrescentou: "Pai, você pode me apresentar a ela".

Eles se aproximaram de um grupo, do qual a Srta. Moncrief era o centro. Criada na velha tradição, ela se curvou diante de Benjamin. Sim, ele poderia ter uma dança. Ele agradeceu a ela e se afastou - cambaleou.

O intervalo até a hora de sua vez deve se arrastar interminavelmente. Ele ficou perto da parede, silencioso, impenetrável, observando com olhos assassinos os jovens de Baltimore enquanto eles morriam ao redor de Hildegarde Moncrief, admiração apaixonada em seus rostos. Como eles pareciam desagradáveis para Benjamin; como intoleravelmente cor-de-rosa! Seus bigodes castanhos ondulados despertaram nele um sentimento equivalente à indigestão.

Mas quando chegou a sua própria hora, e ele se deixou levar pela música da última valsa de Paris, seus ciúmes e ansiedades se derreteram dele como um manto de neve. Cego de encanto, ele sentiu que a vida estava apenas começando.

"Você e seu irmão chegaram aqui exatamente como nós chegamos, não foi?" perguntou Hildegarde, olhando para ele com olhos que pareciam esmalte azul brilhante.

Benjamin hesitou. Se ela o tomasse como irmão de seu pai, seria melhor esclarecê-la? Ele se lembrou de sua experiência em Yale, então decidiu-se contra isso. Seria indelicado contradizer uma senhora; seria criminoso martelar esta ocasião requintada com a

grotesca história de sua origem. Mais tarde, talvez. Então ele acenou com a cabeça, sorriu, escutou, ficou feliz.

"Eu gosto de homens de sua idade", disse-lhe Hildegarde. "Os rapazes jovens são tão idiotas". Eles me dizem quanto champanhe bebem na faculdade, e quanto dinheiro perdem jogando cartas". Os homens de sua idade sabem como apreciar as mulheres".

Benjamin se sentiu à beira de uma proposta - com um esforço que ele sufocou o impulso.

"Você é apenas a idade romântica", continuou ela - " cinquenta anos". Vinte e cinco é muito sábio; trinta está apto a ficar pálido por excesso de trabalho; quarenta é a idade das longas histórias que levam um charuto inteiro para serem contadas; sessenta é-oh, sessenta é muito próximo de setenta; mas cinquenta é a idade amena. Eu amo cinquenta".

Cinquenta parecia, para Benjamin, uma idade gloriosa. Ele ansiava apaixonadamente por ter cinquenta anos.

"Eu sempre disse", prosseguiu Hildegarde, "que preferia me casar com um homem de cinquenta e receber cuidados do que se casar com um homem de trinta e cuidar dele". Para Benjamin, o resto da noite foi banhado por uma névoa cor de mel. Hildegarde deu-lhe mais duas danças, e eles descobriram que estavam maravilhosamente de acordo em todas as questões do dia. Ela deveria ir de condução com ele no domingo seguinte, e então eles discutiriam todas essas questões mais a fundo.

Indo para casa na carruagem pouco antes do amanhecer, quando as primeiras abelhas estavam cantarolando e a lua desvanecendo-se no orvalho fresco, Benjamin soube vagamente que seu pai estava discutindo sobre as ferragens no atacado.

".... E o que você acha que deve merecer nossa maior atenção depois dos martelos e pregos", dizia o Button mais velho.

"Amor", respondeu Benjamin sem pensar.

" Luvas?" exclamou Roger Button, "Por que, acabei de cobrir a questão dos brutamontes".

Benjamin o via com os olhos atordoados, assim como o céu oriental foi subitamente rachado de luz, e um papagaio bocejou furtivamente nas árvores trepidantes.

CAPÍTULO 6

Quando, seis meses depois, o noivado da Sra. Hildegarde Moncrief com o Sr. Benjamin Button foi dado a saber (digo "dado a conhecer", pois o General Moncrief declarou que preferia cair sobre sua espada do que anunciá-la), a excitação na sociedade de Baltimore atingiu um tom febril. A história quase esquecida do nascimento de Benjamin foi lembrada e enviada aos ventos do escândalo em formas picarescas e incríveis. Dizia-se que Benjamin era realmente o pai de Roger Button, que ele era seu irmão que estava na prisão há quarenta anos, que ele era John Wilkes Booth disfarçado - e, finalmente, que ele tinha dois pequenos chifres cônicos brotando de sua cabeça. Os suplementos de domingo dos jornais nova-iorquinos jogaram o caso com esboços fascinantes que mostravam a cabeça de Benjamin Button presa a um peixe, a uma cobra e, finalmente, a um corpo de latão sólido. Ele ficou conhecido, jornalisticamente, como o Homem Mistério de Maryland. Mas a história verdadeira, como é normalmente o caso, teve uma circulação muito pequena.

No entanto, todos concordaram com o General Moncrief que era "criminoso" para uma adorável garota que poderia ter casado com qualquer namorado em Baltimore para se lançar nos braços de um homem que certamente tinha cinquenta anos. Em vão, o Sr. Roger Button publicou a certidão de nascimento de seu filho em tipo grande no Baltimore Blaze. Ninguém acreditava nisso. Bastava olhar para Benjamin e ver.

Da parte das duas pessoas mais preocupadas, não havia vacilação. Tantas das histórias sobre seu noivo eram falsas que Hildegarde recusou-se obstinadamente a acreditar até mesmo na verdadeira. Em vão, o General Moncrief lhe apontou a alta mortalidade entre homens de cinquenta ou, pelo menos, entre homens que pareciam ter cinquenta anos; em vão, ele lhe falou da instabilidade do negócio de ferragens por atacado. Hildegarde havia escolhido se casar por melancolia, e se casou com ela....

CAPÍTULO 7

Em um particular, pelo menos, os amigos de Hildegarde Moncrief estavam enganados. O negócio atacadista de ferragens prosperou de forma surpreendente. Nos quinze anos entre o casamento de Benjamin Button em 1880 e a aposentadoria de seu pai em 1895, a fortuna familiar dobrou - e isto se deveu em grande parte ao membro mais jovem da firma.

É desnecessário dizer que Baltimore acabou recebendo o casal em seu seio. Até o velho General Moncrief se reconciliou com seu genro quando Benjamin lhe deu o dinheiro para trazer à tona sua "História da Guerra Civil" em vinte volumes, que haviam sido recusados por nove editoras proeminentes.

No próprio Benjamin, quinze anos haviam feito muitas mudanças. Parecia-lhe que o sangue fluía com novo vigor através de suas veias. Começou a ser um prazer levantar-se pela manhã, caminhar com um passo ativo ao longo da rua movimentada e ensolarada, trabalhar incansavelmente com seus carregamentos de martelos e suas cargas de pregos. Foi em 1890 que ele executou seu famoso golpe comercial: ele trouxe à tona a sugestão de que todos os pregos usados para pregar as caixas nas quais os pregos são embarcados são de propriedade do navio, uma proposta que se tornou um estatuto, foi aprovada pelo Presidente do Supremo Ministro Fossile, e salvou Roger Button and Company, Ferragens por atacado, mais de seiscentos pregos a cada ano.

Além disso, Benjamin descobriu que ele estava se tornando cada vez mais atraído pelo lado alegre da vida. Era típico de seu crescente entusiasmo pelo prazer que ele foi o primeiro homem na cidade de Baltimore a possuir e dirigir um automóvel. Ao encontrá-lo na rua, seus contemporâneos olhavam com inveja para o quadro que ele fazia de saúde e vitalidade.

"Ele parece rejuvenescer a cada ano", comentavam eles. E se o velho Roger Button, agora com sessenta e cinco anos de idade, tivesse falhado no início em dar as boas-vindas a seu filho, ele finalmente expiou, dando-lhe o que era uma adulação.

E aqui chegamos a um assunto desagradável que será bom passar adiante o mais rápido possível. Havia apenas uma coisa que preocupava Benjamin Button; sua esposa havia deixado de atraí-lo.

Naquele tempo Hildegarde era uma mulher de trinta e cinco anos, com um filho, Roscoe, de catorze anos de idade. Nos primeiros dias de seu casamento, Benjamin a havia venerado. Mas, com o passar dos anos, seu cabelo cor de mel tornou-se um marrom pouco excitante, o esmalte azul de seus olhos assumiu o aspecto de uma louça barata - mais do que isso, e, acima de tudo, ela tinha se tornado muito acomodada em seus modos, muito tranquila, muito satisfeita, muito anêmica em suas emoções e muito sóbria em seu paladar. Como noiva, tinha sido ela quem "arrastou" Benjamin para bailes e jantares - agora as condições estavam invertidas. Ela saiu socialmente com ele, mas sem entusiasmo, devorada já por aquela eterna inércia que vem viver com cada um de nós um dia e permanece conosco até o fim.

O descontentamento de Benjamin se tornou mais forte. No início da guerra hispano-americana em 1898, sua casa tinha para ele tão pouco encanto que decidiu alistar-se no exército. Com sua influência comercial, ele obteve uma comissão como capitão e se mostrou tão adaptável ao trabalho que se tornou major e, finalmente, tenente-coronel mesmo a tempo de participar da célebre chefia na colina de San Juan. Ele foi ligeiramente ferido e recebeu uma medalha.

Benjamin tinha se apegado tanto à atividade e ao entusiasmo da vida do exército que se arrependeu de ter desistido, mas seus negócios exigiam atenção, então ele renunciou à sua comissão e voltou para casa. Ele foi recebido na estação por uma banda de música e escoltado até sua casa.

CAPÍTULO 8

Hildegarde, agitando uma grande bandeira de seda, saudou-o no alpendre, e mesmo quando a beijava, sentiu com um afundamento do coração que estes três anos tinham custado seu pedágio. Ela era uma mulher de quarenta anos agora, com uma tênue linha de escaramuça de cabelos grisalhos na cabeça. A visão o deprimia.

Em seu quarto, ele viu seu reflexo no espelho familiar - aproximou-se e examinou seu próprio rosto com ansiedade, comparando-o depois de um momento com uma fotografia de si mesmo em uniforme tirada pouco antes da guerra.

"Santo Deus", disse ele em voz alta. O processo continuava. Não havia dúvida disso - ele parecia agora um homem de trinta anos. Em vez de ficar encantado, ele estava inquieto - ele estava ficando mais jovem. Até então, ele esperava que uma vez atingida uma idade corporal equivalente à sua idade em anos, o grotesco fenômeno que havia marcado seu nascimento deixaria de funcionar. Ele estremeceu. Seu destino lhe parecia horrível, incrível.

Quando desceu as escadas, Hildegarde o esperava. Ela parecia irritada, e ele se perguntava se ela havia finalmente descoberto que havia algo errado. Foi com um esforço para aliviar a tensão entre eles que ele abordou o assunto no jantar de uma maneira que ele considerava delicada.

"Bem", ele comentou levemente, "todos dizem que pareço mais jovem do que nunca".

Hildegarde o considerou com desdém. Ela farejou. "Você acha que é alguma coisa para se vangloriar?"

"Não estou me vangloriando", ele afirmou desconfortavelmente.

Ela farejou de novo. "A ideia", disse ela, e depois de um momento: "Eu deveria pensar que você teria orgulho suficiente para impedir isso".

"Como eu posso", exigiu ele.

"Eu não vou discutir com você", ela retorquiu. "Mas há uma maneira certa de fazer as coisas e uma maneira errada. Se você se

decidiu a ser diferente de todos, suponho que não posso impedi-lo, mas realmente não acho que seja muito atencioso".

"Mas, Hildegarde, não posso evitá-lo".

"Você consegue também". Você é simplesmente teimoso. Você pensa que não quer ser como qualquer outro. Você sempre foi assim, e sempre será. Mas pense como seria se todos os outros olhassem as coisas como você faz - como seria o mundo".

Como este era um argumento inútil e sem resposta, Benjamin não respondeu e, a partir daquele momento, um abismo começou a se alargar entre eles. Ele se perguntava que possível fascínio ela já havia exercido sobre ele.

Para completar a brecha, ele descobriu, à medida que o novo século avançava, que sua sede de alegria se fortalecia. Nunca havia uma festa de qualquer tipo na cidade de Baltimore, exceto quando ele estava lá, dançando com a mais bonita das jovens casadas, conversando com a mais popular das debutantes, e achando sua companhia encantadora, enquanto sua esposa, uma viúva de mau presságio, sentava-se entre os acompanhantes, agora em arrogante desaprovação, e agora o seguia com olhos solenes, intrigados e reprovadores.

"Veja!", as pessoas comentariam. "Que pena! Um rapaz daquela idade amarrado a uma mulher de quarenta e cinco anos. Ele deve ser vinte anos mais novo que sua esposa". Eles haviam esquecido - como as pessoas inevitavelmente esquecem - que em 1880 suas mamães e papais também haviam comentado sobre este mesmo casal mal combinado.

A crescente infelicidade de Benjamin em casa foi compensada por seus muitos novos interesses. Ele começou a jogar golfe e fez disso um grande sucesso. Ele começou a dançar: em 1906 ele era um especialista no "The Boston", e em 1908 foi considerado proficiente no "Maxixe", enquanto em 1909 seu "Castle Walk" era a inveja de todos os jovens da cidade.

Suas atividades sociais, é claro, interferiram até certo ponto em seus negócios, mas então ele havia trabalhado duro no comércio atacadista de ferragens por vinte e cinco anos e sentiu que logo poderia entregá-lo a seu filho, Roscoe, que havia se formado recentemente em Harvard.

Ele e seu filho eram, de fato, muitas vezes confundidos um com o outro. Isto agradou a Benjamin - ele logo esqueceu o medo insidioso que havia passado por cima dele no seu retorno da Guerra Hispano-Americana, e cresceu para ter um prazer ingênuo em sua aparência. Havia apenas uma mosca no delicioso ambiente - ele detestava aparecer em público com sua esposa. Hildegarde tinha quase 50 anos, e a visão dela o fazia sentir-se absurdo....

CAPÍTULO 9

Um dia de setembro em 1910 - poucos anos depois que Roger Button & Co., Ferragens por atacado, havia sido entregue ao jovem Roscoe Button - um homem, aparentemente com cerca de vinte anos de idade, entrou como calouro na Universidade de Harvard em Cambridge. Ele não cometeu o erro de anunciar que nunca mais teria 50 anos, nem mencionou o fato de que seu filho havia se formado na mesma instituição dez anos antes.

Ele foi admitido, e quase imediatamente alcançou uma posição de destaque na classe, em parte porque parecia um pouco mais velho que os outros calouros, cuja idade média era de cerca de dezoito anos.

Mas seu sucesso se deveu em grande parte ao fato de que no jogo de futebol com Yale ele jogou tão brilhantemente, com tanta corrida e com uma raiva tão fria e sem remorsos que ele marcou sete touchdowns e quatorze gols de campo para Harvard, e fez com que todos os onze homens de Yale fossem carregados individualmente do campo, inconscientes. Ele foi o homem mais celebrado na faculdade.

Estranho dizer que, em seu terceiro ou júnior ano, ele dificilmente conseguiu "fazer" a equipe. Os treinadores disseram que ele havia perdido peso, e pareceu aos mais observadores entre eles que ele não era tão alto como antes. Ele não fez nenhum touchdowns, ele foi mantido na equipe principalmente na esperança de que sua enorme reputação trouxesse terror e desorganização à equipe de Yale.

Em seu último ano, ele não chegou a fazer parte da equipe. Ele havia crescido tão leve e frágil que um dia foi levado por alguns calouros do segundo ano, um incidente que o humilhou terrivelmente. Ele ficou conhecido como um prodígio - um veterano que certamente não tinha mais de dezesseis anos - e muitas vezes ficava chocado com a mundanização de alguns de seus colegas de classe. Seus estudos pareciam mais difíceis para ele - ele sentia que eles eram muito avançados. Ele havia ouvido seus colegas de

classe falar de St. Midas, a famosa escola preparatória, na qual tantos deles se haviam preparado para a faculdade, e ele determinou, após sua formatura, entrar para St. Midas, onde a vida protegida entre os meninos de seu próprio tamanho seria mais agradável para ele.

Após sua formatura em 1914, ele voltou para Baltimore com seu diploma de Harvard no bolso. Hildegarde residia agora na Itália, então Benjamin foi morar com seu filho, Roscoe. Mas embora ele fosse bem recebido de uma maneira geral, obviamente não havia coração no sentimento de Roscoe em relação a ele - havia até mesmo uma tendência perceptível da parte de seu filho de pensar que Benjamin, enquanto se lamentava da casa na lua adolescente, estava de certa forma no caminho. Roscoe era agora casado e proeminente na vida em Baltimore, e não queria que nenhum escândalo se arrastasse em conexão com sua família.

Benjamin, não mais persona grata com os debutantes e jovens universitários, viu-se deixado muito sozinho, exceto pela companhia de três ou quatro garotos de quinze anos na vizinhança. Sua ideia de frequentar a escola de St. Midas lhe foi recorrente.

"Diga", ele disse um dia a Roscoe, "Eu já lhe disse repetidamente que quero ir para a escola preparatória". "Bem, vá, então", respondeu Roscoe brevemente. O assunto era de mau gosto para ele, e ele desejava evitar uma discussão.

"Não posso ir sozinho", disse Benjamin impotente. "Você terá que entrar comigo e me levar até lá".

"Eu não tenho tempo", declarou Roscoe abruptamente. Seus olhos se estreitaram e ele olhou desconfortavelmente para seu pai. "De fato", acrescentou ele, "é melhor não continuar com este negócio por muito mais tempo". É melhor você puxar para cima curto. É melhor você - é melhor você" - ele fez uma pausa e seu rosto carmesim enquanto buscava palavras - "é melhor você dar meia-volta e voltar para o outro lado". Isto já foi longe demais para ser uma brincadeira. Não tem mais piada. Você - você se comporta".

Benjamin olhou para ele, à beira das lágrimas.

"E outra coisa", continuou Roscoe, "quando os visitantes estiverem em casa, quero que você me chame de 'tio' - não 'Roscoe', mas 'tio', você entendeu? Parece absurdo para um garoto

de quinze anos me chamar pelo meu primeiro nome. Talvez seja melhor você me chamar de 'tio' o tempo todo, assim você se acostumará".

Com um olhar severo sobre seu pai, Roscoe virou as costas....

CAPÍTULO 10

No final desta entrevista, Benjamin vagueou desmontado lá em cima e se fixou no espelho. Ele não fazia a barba há três meses, mas não encontrava nada em seu rosto a não ser um leve branco para baixo com o qual parecia desnecessário se intrometer. Quando chegou de Harvard pela primeira vez, Roscoe tinha se aproximado dele com a proposta de que ele deveria usar óculos e bigodes de imitação colados em suas bochechas, e parecia por um momento que a farsa de seus primeiros anos iria se repetir. Mas os bigodes tinham comichão e o envergonhavam. Ele chorou e Roscoe tinha relutado em relutar.

Benjamin abriu um livro de histórias de meninos, "Os Escoteiros na Baía de Bimini", e começou a ler. Mas ele se viu pensando persistentemente sobre a guerra. A América havia se unido à causa Aliada durante o mês anterior, e Benjamin queria se alistar, mas, infelizmente, dezesseis anos era a idade mínima, e ele não parecia tão velho assim. Sua verdadeira idade, que era de cinquenta e sete anos, o teria desqualificado, de qualquer forma.

Bateram à sua porta, e o mordomo apareceu com uma carta com uma grande legenda oficial no canto e endereçada ao Sr. Benjamin Button. Benjamin a rasgou avidamente, e leu o recinto com deleite. Ele o informou que muitos oficiais de reserva que haviam servido na guerra hispano-americana estavam sendo chamados de volta ao serviço com uma patente mais alta, e fechou sua comissão como brigadeiro-general no exército dos Estados Unidos com ordens para se reportar imediatamente.

Benjamin saltou aos seus pés com bastante entusiasmo. Isto era o que ele queria. Ele agarrou seu boné, e dez minutos depois ele havia entrado num grande estabelecimento de alfaiataria na Charles Street, e pediu em seu triplo inseguro para ser medido para um uniforme.

"Quer brincar de soldado, filhinho?" exigiu um funcionário casualmente.

Benjamin ruborizou. " Digamos! Não importa o que eu quero", ele retorquiu com raiva. "Meu nome é Button e eu moro no Monte Vernon Place, então você sabe que eu sou bom para isso".

"Bem", admitiu o funcionário hesitantemente, "se você não for, acho que seu pai é, tudo bem".

Benjamin foi medido, e uma semana depois seu uniforme foi concluído. Ele teve dificuldade em obter a insígnia do general adequado porque o crupiê continuava insistindo com Benjamin que um belo crachá de Y. W. C. A. teria a mesma aparência e seria muito mais divertido de se brincar.

Sem dizer nada a Roscoe, ele saiu de casa uma noite e seguiu de trem para Camp Mosby, na Carolina do Sul, onde iria comandar uma brigada de infantaria. Em um dia quente de abril, ele se aproximou da entrada do acampamento, pagou o táxi que o havia trazido da estação, e se voltou para a sentinela de guarda.

"Arranje alguém para cuidar da minha bagagem", disse ele com vigor.

O sentinela o olhou com repreensão. "Diga", comentou ele, "onde você vai com o general, filhinho?"

Benjamin, veterano da Guerra Hispano-Americana, o cercou de fogo em seus olhos, mas com, infelizmente, uma voz aguda e mutável.

" Preste atenção!" ele tentou trovejar; parou para respirar - e de repente viu a sentinela estalar seus calcanhares e trazer seu rifle até o ponto. Benjamin escondeu um sorriso de gratificação, mas quando olhou em volta de seu sorriso desvaneceu-se. Não foi ele quem inspirou a obediência, mas um imponente coronel de artilharia que se aproximava a cavalo.

"Coronel!" chamou Benjamin brilhantemente.

O coronel subiu, puxou as rédeas, e olhou fixamente para ele com um brilho nos olhos. "De quem é você, rapazinho?" ele exigiu gentilmente.

"Logo lhe mostrarei bem de quem sou o menino!" retorquiu Benjamin com uma voz feroz. "Desça desse cavalo!"

O coronel rugiu de riso.

"Você o quer, eh, general?"

"Aqui!" gritou desesperadamente Benjamin. "Leia isto." E ele empurrou sua comissão em direção ao coronel.

O coronel leu-o, seus olhos saltando de suas tomadas. "Onde você conseguiu isto?" ele exigiu, enfiando o documento em seu próprio bolso.

"Eu o recebi do Governo, como você logo descobrirá!"

"Você vem comigo", disse o coronel com um olhar peculiar. "Vamos até a sede e conversamos sobre isso". Venha comigo".

O coronel virou-se e começou a andar com seu cavalo na direção do quartel general. Não havia nada que Benjamin pudesse fazer a não ser seguir com a maior dignidade possível - enquanto isso, prometia a si mesmo uma severa vingança.

Mas esta vingança não se concretizou. Dois dias depois, porém, seu filho Roscoe se materializou de Baltimore, quente e cruzado de uma viagem apressada, e acompanhou o general chorão, sem uniforme, de volta à sua casa.

CAPÍTULO 11

Em 1920 nasceu o primeiro filho de Roscoe Button. Durante as festividades, porém, ninguém pensou que fosse "a coisa" a mencionar, que o pequeno rapazinho, aparentemente com cerca de dez anos de idade, que brincava pela casa com soldados de chumbo e um circo em miniatura, era o próprio avô do novo bebê.

Ninguém não gostava do menino cujo rosto fresco e alegre foi cruzado com apenas um toque de tristeza, mas para Roscoe Button sua presença foi uma fonte de tormento. Na linguagem de sua geração, Roscoe não considerava o assunto "eficiente". Parecia-lhe que seu pai, ao recusar-se a parecer ter sessenta anos, não tinha se comportado como um "homem de sangue vermelho" - esta era a expressão favorita de Roscoe - mas de uma forma curiosa e perversa. De fato, pensar sobre o assunto por até meia hora o levou à beira da insanidade. Roscoe acreditava que "fios vivos" deveriam se manter jovens, mas realizá-los em tal escala era - era - ineficiente. E lá Roscoe descansou.

Cinco anos depois, o filhinho de Roscoe havia envelhecido o suficiente para brincar de criança com o pequeno Benjamin sob a supervisão da mesma enfermeira. Roscoe levou os dois ao jardim de infância no mesmo dia, e Benjamin descobriu que brincar com pequenas tiras de papel colorido, fazendo tapetes e correntes e desenhos curiosos e bonitos, era o jogo mais fascinante do mundo. Uma vez ele era ruim e tinha que ficar no canto - então ele chorava - mas na maior parte do tempo havia horas alegres na sala de estar, com a luz do sol vindo pelas janelas e a gentil mão da senhorita Bailey descansando por um momento de vez em quando em seus cabelos despenteados.

O filho de Roscoe subiu para a primeira série após um ano, mas Benjamin ficou no jardim de infância. Ele estava muito feliz. Às vezes, quando outros garotos falavam sobre o que fariam quando crescessem, uma sombra atravessava seu pequeno rosto como se

de um modo obscuro e infantil ele percebesse que essas eram coisas que ele nunca deveria compartilhar.

Os dias passavam com um conteúdo monótono. Ele voltou um terceiro ano para o jardim de infância, mas agora era muito pequeno para entender para que serviam as brilhantes tiras de papel. Ele chorava porque os outros meninos eram maiores do que ele, e tinha medo deles. A professora falou com ele, mas embora ele tentasse entender, não conseguia entender nada.

Ele foi tirado do jardim de infância. Sua enfermeira, Nana, com seu vestido de gingham engomado, tornou-se o centro de seu pequeno mundo. Em dias brilhantes eles caminhavam no parque; Nana apontava para um grande monstro cinza e dizia "elefante", e Benjamin o dizia depois dela, e quando ele estava se despindo para dormir naquela noite, ele o dizia repetidamente em voz alta para ela: "Elyphant, elyphant, elyphant". Às vezes Nana o deixava pular na cama, o que era divertido, porque se você se sentava exatamente direito, ele o ressaltava em seus pés, e se você dizia "Ah" por um longo tempo enquanto pulava, você tinha um efeito vocal quebrado muito agradável.

Ele adorava pegar uma grande bengala do chapeleiro e andar por aí batendo nas cadeiras e mesas com ela e dizendo: "Lute, lute, lute". Quando havia pessoas lá, as senhoras mais velhas se atiravam a ele, o que lhe interessava, e as jovens tentavam beijá-lo, ao que ele se submetia com um tédio leve. E quando o longo dia terminava às cinco horas, ele subia as escadas com Nana e era alimentado com papas de aveia e comidas macias e macias com uma colher.

Não havia lembranças incômodas em seu sono infantil; nenhuma lembrança de seus dias corajosos na faculdade, dos anos cintilantes em que ele abalou os corações de muitas meninas. Havia apenas as paredes brancas e seguras de seu berço e Nana e um homem que vinha vê-lo às vezes, e uma grande bola laranja que Nana apontou pouco antes de sua hora de dormir ao entardecer e chamou de "sol". Quando o sol se foi, seus olhos estavam dormindo - não havia sonhos, não havia sonhos para assombrá-lo.

O passado - a carga selvagem à frente de seus homens no alto do Monte San Juan; os primeiros anos de seu casamento, quando

ele trabalhava até tarde no entardecer do verão, caíram na cidade movimentada para a jovem Hildegarde que ele amava; os dias antes disso, quando ele se sentava fumando até muito tarde da noite na velha e sombria casa Button na Rua Monroe com seu avô - todos esses sonhos tinham desaparecido de sua mente como se nunca tivessem sido.

Ele não se lembrava. Ele não se lembrava claramente se o leite estava quente ou frio em sua última alimentação ou como os dias passavam - havia apenas seu berço e a presença familiar de Nana. E então ele não se lembrava de nada. Quando ele estava com fome, chorava - isso era tudo. Através do meio-dia e da noite ele respirava e sobre ele havia murmúrios e murmúrios suaves que ele mal ouvia, cheiros levemente diferenciados, luz e escuridão.

Então tudo estava escuro, e seu berço branco e os rostos sombrios que se moviam acima dele, e o aroma quente e doce do leite, desvaneceu-se completamente de sua mente.

O FIM